

José Vinicius de Carvalho Gavioli

A prática musical no Coral Vozes de Itu:
possibilidade de humanização e
desenvolvimento do capital simbólico

CELACC / ECA-USP

2009

José Vinicius de Carvalho Gavioli

A prática musical no Coral Vozes de Itu:
possibilidade de humanização e
desenvolvimento do capital simbólico

Trabalho de conclusão do curso de
pós-graduação em Gestão de
Projetos Culturais e Organização de
Eventos produzido sob a orientação
da Profa. Me. Fabiana Amaral

CELACC / ECA-USP

2009

Agradecimentos

Agradeço à Associação Cultural Vozes de Itu na pessoa da sua presidente Allie Marie Dias de Queiroz, por aceitar o convite em ser objeto de estudo para a realização deste trabalho;

Aos cantores do Coral Vozes de Itu, especialmente Gerson de Souza, Gizelda de Almeida, Glória Therezinha de Carvalho, Maria Aparecida Nobre Garcia, Tércio Mateus e Vicente Boff;

Ao Instituto Cultural de Itu na pessoa do seu Presidente Prof. Luis Roberto de Francisco, pela cessão do espaço para a realização de entrevista;

A todos que diretamente ou indiretamente de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Sumário

Agradecimentos	3
Resumo	5
Abstract.....	5
Resumén	5
Introdução	5
1 – O Coral Vozes de Itu, sua história e seus cantores.....	6
2 – As culturas, os capitais e suas interferências nas relações das classes hegemônicas e classes subalternas.	8
3 – Metodologia, Procedimentos e Estratégias Metodológicas	18
4 – A fala do cantor	19
4.1 - Acesso ao capital simbólico	20
4.2 - Diálogos entre popular e erudito, possibilidade de valorização das formas simbólicas.....	22
4.3 - O acesso ao capital cultural	24
4.4 - A facilitação do acesso ao capital econômico em prol da causa.....	25
4.5 - Um novo modelo de organização	26
5 - Considerações finais.....	27
6 - Referências Bibliográficas	28
Anexo 1 - Questionário para entrevista dos cantores do Coral Vozes de Itu.	29
Anexo 2 - Entrevistas.....	31

A prática musical no Coral Vozes de Itu: possibilidade de humanização e desenvolvimento do capital simbólico

José Vinicius de Carvalho Gavioli*

Resumo

O presente artigo discute o diálogo entre características hegemônicas e subalternas presentes no processo de produção artística do Coral Vozes de Itu, e sua influência no desenvolvimento do capital simbólico e na humanização das pessoas que compõe seu corpo artístico, bem como a forma de ocorrência deste processo. Exibe-se uma análise realizada com base no método dialético sobre o objeto de estudo, como forma de contribuir com a literatura acadêmica referente à humanização e capital simbólico.

Palavras-chave – Humanização. Cultura. Capital Simbólico. Música.

Abstract

This article analyses the hegemonic and subordinate features existent in the artistic production of the "Coral Vozes de Itu" and its influence on the development of symbolic capital and the humanization of the choir's people. The causes and consequences of this development process is also analysed. The analysis was conducted by the dialectical method over the study's object as a contribution to the academic literature on the humanization and symbolic capital.

Key-words – Humanization. Culture. Symbolic Capital. Music.

Resumén

Este artículo aborda el diálogo entre los rasgos hegemónicos y subordinados en la producción artística de el "Coral Vozes de Itu", y su influencia en el desarrollo del capital simbólico y la humanización de las personas que componen la coral, y cómo se produce este proceso. Muestra un análisis realizado con el método dialéctico en el objeto de estudio como una contribución a la literatura académica sobre la humanización y el capital simbólico.

Palabras-clave: Humanización. Cultura. Capital simbólico. Música.

Introdução

O Coral Vozes de Itu está em atividade há 44 anos, dos quais nos últimos 15 anos tem se dedicado ao resgate da música dos compositores da cidade através da

* Engenheiro pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Músico e arranjador do Quarteto de flautas "Assobio à 4". Membro do Instituto Cultural de Itu.

recuperação e restauração dos manuscritos originais ou cópias das obras destes compositores.

Este resgate, guardadas as proporções, gerou um movimento intenso na cultura local, tanto nos “produtores” como nos “consumidores”, criando uma certa identidade entre o Coral, o lugar e as pessoas.

Este trabalho procurou compreender a humanização e o desenvolvimento do capital simbólico, conceitos explicados mais adiante, através da prática musical, partindo-se da hipótese de que a prática da música humaniza e desenvolve um certo tipo de capital, o qual chama-se de capital simbólico. Para tanto, é aplicado o método dialético em conjunto com uma “análise cultural” que serão definidos adiante.

1 – O Coral Vozes de Itu, sua história e seus cantores.

O Coral Vozes de Itu, corpo artístico mantido pela Associação Cultural Vozes de Itu, foi fundado em 1965 por um grupo de cantores vindos dos diversos corais das igrejas da cidade de Itu, com a finalidade de criar um coro desvinculado da música sacra. Desde sua fundação tem se dedicado ao repertório da música coral erudita e popular, bem como montagem de óperas, e participado de grandes eventos como as festividades de comemoração do Sesquicentenário da Independência do Brasil, no Teatro Municipal de São Paulo, em 1972.¹

Nos últimos quinze anos de atividade o Coral Vozes de Itu tem realizado um intenso trabalho de pesquisa e resgate de obras dos compositores da cidade, de característica sacra na maioria das vezes, e realizado estréias de obras inéditas (obras musicais passam a ser inéditas quando não são executadas por mais de cem anos) destes

¹ Retirado do *site*: http://www.itu.com.br/vozesdeitu/index_historia.asp , acessado em 27/09/09 às 21h40.

compositores, o que leva também a um resgate da identidade das pessoas que compõem o coral com sua cidade e sua cultura.

A música ituana do século XIX, de características hegemônicas, sendo perpetuada por um grupo de cantores que num primeiro momento rompeu com a tradição da música nas igrejas em busca de novas formas de expressão, pode ser visto como um diálogo entre as culturas das classes hegemônicas e cultura das classes subalternas dentro da produção artística deste grupo coral. Podemos definir como culturas das classes hegemônicas aquelas que caracterizam-se pela perspectiva de legitimação e manutenção dos segmentos privilegiados no acesso ao capital econômico, cultural e simbólico. Já as culturas das classes subalternas caracterizam-se pela perspectiva reativa a condição de subalternidade no acesso àqueles capitais, e buscam a construção de uma subjetividade dentro de um contexto desfavorável e de desigualdade.

Por outro lado, o fato de um grupo de cantores, cujo foco não era a música sacra, aceitar e abraçar a proposta de resgate dessa música e, por consequência, das tradições religiosas católicas da cidade, sugere o desenvolvimento de valores maiores que a simples atividade lúdica de cantar, valores estes simbólicos, resultados de um processo de “valorização simbólica”, um processo através do qual é atribuído um valor às formas simbólicas pelos indivíduos que as produzem e recebem (THOMPSON, 1995, p. 203).

Estudar o diálogo entre características hegemônicas e subalternas presentes no processo de produção artística do Coral Vozes de Itu, e sua influência no desenvolvimento do capital simbólico e na humanização das pessoas que compõe seu corpo artístico, bem como a forma de ocorrência deste processo, foi o objetivo deste trabalho, uma forma de contribuir com a literatura acadêmica referente à humanização e capital simbólico, que pode-se definir como um capital gerado através da “valorização simbólica”.

A justificativa para este trabalho está centrada na possibilidade de uma outra visão, um outro olhar para a relação entre a sociedade e as entidades que provém a música de forma não profissional, permitindo assim identificar sua importância dentro da sociedade, que não está limitada ao âmbito artístico, como evidenciado em depoimento do renomado Maestro Chiquinho de Moraes no DVD Monumentos Históricos Itu, sobre o Coral Vozes de Itu:

“Eu me emocionei muito quando vi o Coral Vozes de Itu, e fiquei surpreso comigo mesmo, porque... que coisa fantástica alguém te emocionar, quando falo emocionar é chegar às lágrimas. Fizeram uma coisa com tamanha carga de sinceridade, com tamanha emoção, que essa emoção varou a couraça minha da crítica e atingiu o meu coração direto. Chorei.(...)”²

2 – As culturas, os capitais e suas interferências nas relações das classes hegemônicas e classes subalternas.

A existência do ser humano é cultural, pelo fato de possuir a capacidade de adaptação e evolução diante do seu meio adaptando o meio às suas necessidades. O homem enquanto ser racional faz com que cada vez mais o seu modo de vida se torne prático e eficiente, pois é capaz de recriar seu ambiente de acordo com suas necessidades, sendo esta uma diferenciação comportamental que o difere dos outros animais. A estas diferenças comportamentais chamamos cultura. (GEERTZ, 1980, p. 3)

Segundo Thompson (1995, p. 166), pode-se conceber a cultura através de uma “concepção descritiva” e de uma “concepção simbólica”.

A “concepção descritiva” da cultura pode ser resumida como segue:

² Trecho do depoimento do Maestro Chiquinho de Moraes, extraído do DVD - Monumentos Históricos Itu. São Paulo: 2008, produção de José Antonio de Barros Freire.

“a cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, idéias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade;”(THOMPSON, 1995, P. 173)

Por outro lado, a “concepção simbólica” da cultura é caracterizada sendo:

“cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças.” (THOMPSON, 1995, P. 176)

Das concepções descritas acima decorre uma terceira concepção que Thompson(1995, p.181) denominou “concepção estrutural” da cultura, que enfatiza tanto o caráter simbólico dos fenômenos culturais como ao fato destes fenômenos estarem inseridos em contextos sociais estruturados.

Thompson(1995, p.181) propõe como caracterização preliminar dessa concepção a definição de uma “análise cultural” a partir da “concepção estrutural” da cultura como:

“ o estudo das formas simbólicas em relação à contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados, dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas.” (THOMPSON, 1995, p.181)

Tratando-se de formas simbólicas, são distinguidas cinco características nestas, descritas como seus aspectos “intencionais”, “convencionais”, “estruturais”, “referenciais” e “contextuais”. Aspectos estes tipicamente envolvidos na constituição das formas simbólicas. (THOMPSON, 1995, p. 182-183).

O aspecto “intencional” é entendido como a intenção de um sujeito produzir expressões (formas simbólicas) para um sujeito (ou sujeitos). O aspecto “convencional”

define o “código”, a “linguagem”, pela qual a forma simbólica será expressa. Em relação ao aspecto “estrutural”, temos que as formas simbólicas são construções que apresentam uma estrutura articulada, uma vez que estas consistem em elementos que se colocam em determinadas relações com outros elementos. O aspecto “referencial” é entendido como aquilo que a forma simbólica representa, aquilo à que ela se refere. O último aspecto, o “contextual”, significa que as formas simbólicas estão inseridas em processos e contextos sócio-históricos específicos dentro dos quais as mesmas são produzidas, transmitidas e recebidas. (THOMPSON, 1995, p.183 à 192)

Para contextualizar as formas simbólicas, pode-se utilizar o conceito de “campos de interação” definido por Bourdieu. Um “campo de interação” é conceituado como um espaço de posições, onde cada indivíduo ocupa uma posição de acordo com seu acesso aos capitais “econômico”, “cultural” e “simbólico”. O “capital econômico” é representado pelos bens do indivíduo, o “capital cultural” pelos conhecimentos formais, habilidades e qualificações educacionais, e o “capital simbólico” pelo mérito acumulado, prestígio e reconhecimento associados ao indivíduo ou à posição. (BOURDIEU apud THOMPSON, 1995, p.195). Utiliza-se ainda o conceito de “instituição social”, como sendo conjuntos de regras, recursos e relações, situados dentro de um “campo de interação”. Tanto os “campos de interação” como as “instituições sociais” apresentam assimetrias e diferenças relativamente estáveis em relação à distribuição do acesso a recursos, poder e oportunidades para os indivíduos. Desta forma, diz-se que “campos de interação” e “instituições sociais” são “estruturados”.(THOMPSON, 1995, p.196 à 198)

Para objeto deste trabalho, temos o “campo de interação” sendo a música, dentro deste campo estão “instituições” como orquestras, corais, grupos instrumentais populares e eruditos, bandas de *rock*, etc., todas com suas regras e “estruturas” definidas

tanto nas “instituições” como no “campo de interação”. Uma representação esquemática pode ser vista na Figura 1.

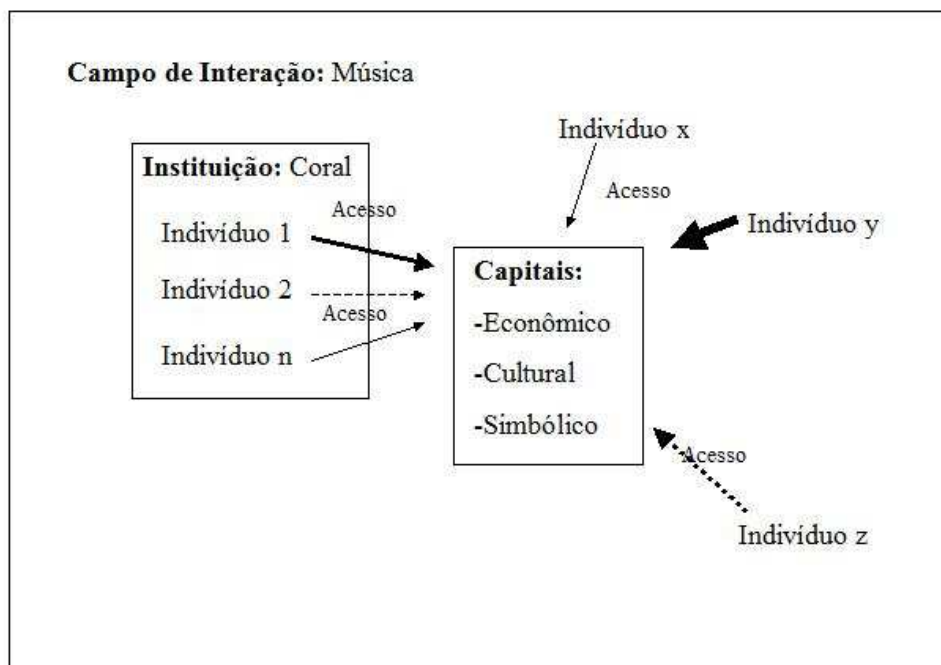


Figura 1 – Representação Contextual

Nota-se a diferença ao acesso que os diferentes indivíduos têm aos capitais, essas diferenças interferem na capacidade que possibilita aos indivíduos tomarem decisões ou realizarem seus interesses, capacidade esta a qual Thompson(1995, p.199) denomina “poder”.

Uma vez que indivíduos têm “poderes” diferentes, devido à diferença de acesso aos capitais, podemos considerar que existem grupos de indivíduos “dominantes” e “subordinados”, e essa relação não se limita ao acesso ao capital econômico. (THOMPSON, 1995, p.200)

Desta forma, o acesso aos capitais é determinante das relações de “poder” dos indivíduos numa sociedade. Considerando “poder” como a capacidade que possibilita aos indivíduos tomarem decisões ou realizarem seus interesses. Desta forma, se houver a valorização de algum capital ao qual o indivíduo tem acesso, este terá maior

capacidade de realizar determinado interesse. Por exemplo, num grupo organizado, indivíduos com prestígio (capital simbólico) freqüentemente exercem funções de liderança sobre outros, independente das classes sociais a que pertençam.

Os indivíduos inseridos num contexto emitem formas simbólicas para outros indivíduos. As características deste contexto são constitutivas da produção das formas simbólicas, e também dos modos pelos quais essas formas são recebidas, entendidas e valorizadas. A maneira como as formas simbólicas são entendidas e valorizadas varia de indivíduo para indivíduo, de acordo com as posições que ocupam dentro do contexto, e no decorrer da recepção da forma simbólica, o seu significado é reconstituído de forma a manter e reproduzir o contexto de produção e recepção. (THOMPSON, 1995, p.201, 202)

Sendo as formas simbólicas representantes do “capital simbólico”, pode-se dizer que um processo de “valorização” das formas simbólicas representaria um ganho de “capital simbólico” dentro do contexto em questão.

Thompson define a “valorização simbólica” da seguinte forma: “é o processo através do qual é atribuído às formas simbólicas um determinado “valor simbólico” pelos indivíduos que as produzem e recebem”. (THOMPSON, 1995, p. 203)

Os mecanismos através dos quais esse “processo de valorização” ocorre dependem da posição que os indivíduos ocupam dentro do campo de interação. Resumidamente, indivíduos de posição dominante utilizam-se das estratégias de distinção, menosprezo ou condescendência em relação às outras formas simbólicas, como forma de valorização das suas. Indivíduos numa posição subordinada utilizam-se da praticidade, resignação respeitosa e rejeição. Enquanto indivíduos numa posição intermediária utilizam-se da moderação, pretensão e desvalorização.(THOMPSON, 1995, p.207)

Desta forma, num contexto onde ocorrem emissões e recepções de formas simbólicas pelos indivíduos, bem como sua valorização através de processos específicos, sendo este mesmo contexto o ambiente em que tanto as culturas hegemônicas quanto as culturas subalternas não estão isoladas uma da outra, tem-se uma dimensão relacional, onde as trajetórias de ambas se encontram, negociam, e constroem sínteses que passam a incorporar a outra, valorizando o “capital simbólico” de determinado grupo e, por consequência, dando-lhe um ganho de “poder”.

“Pertencemos sempre a um determinado grupo social, e todos os grupos sociais unem-se e/ou opõem-se constantemente, na história. Somos portanto, homens-massa ou homens coletivos. O início da consciência ou da elaboração crítica consiste em compreender-se como produto (ator e autor) do processo histórico.” (Gramsci apud Dantas, 2005, p.32)

Como resultado desse processo histórico, que nada mais é que a constituição de uma nova cultura, pode-se chegar à emancipação da situação de subalternidade à edificação de uma contra-hegemonia. Porém, segundo Gramsci, é necessário fazer sacrifícios superando interesses econômico-corporativos imediatos elevando-se a uma dimensão universal “capaz de gerar novas iniciativas” através de uma vontade coletiva definida, para ser protagonista da história.(Gramsci apud Luiz, 2009, p. 73) Esse senso comum, inicialmente desagregado e desarticulado, dá lugar à compreensão crítica que é obtida através de luta entre hegemonias políticas, direções contrastantes, éticas, que se expressam nas relações sociais de que o indivíduo faz parte, transformando-se a si e ao conjunto de relações, até chegar a uma elaboração superior da própria concepção do real e obter consciência política, o que representa o início do processo de construção de uma autoconsciência.(Gramsci apud Luiz, 2009, p. 74)

“Diferentemente da maioria de seus contemporâneos, o pensador Italiano estava convencido de que somente por meio do desenvolvimento de uma

consciência histórica da realidade e de uma ação política voltada a elevar a condição “intelectual e moral” das massas se poderia chegar a uma sociedade realmente “civil”, capaz de humanizar-se plenamente e de autogovernar-se. A solução à “crise de autoridade”, ou seja, de “hegemonia” ou de “Estado no seu conjunto”, deveria ser encontrada no reconhecimento da passagem, já em ato nas práticas das massas, “da passividade política para uma certa atividade [na qual] apresentam reivindicações que no seu conjunto desorgânico constituem uma revolução”(Semeraro,1999, p.67)

Uma forma esquemática do processo dinâmico de relações entre as classes hegemônicas e as classes subalternas, definidas pelas diferenças de acesso aos capitais, pode ser vista na Figura 2.

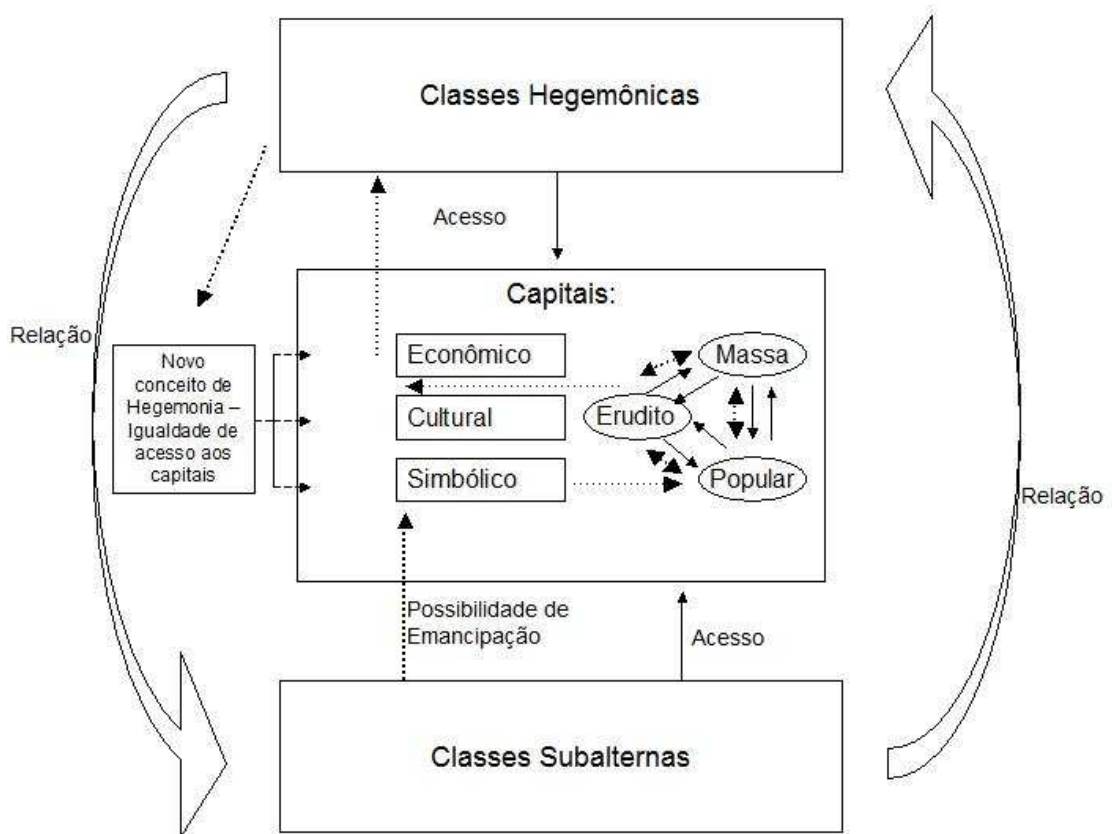


Figura 2 – Dinâmica das relações entre as classes hegemônicas e classes subalternas.

O esquema apresentado mostra uma possibilidade de emancipação através do capital simbólico, passando pelo cultural, que não pode ser considerado somente como o

erudito, mas sim como uma unidade dentro da qual características eruditas, populares e de massa de uma cultura se inter-relacionam.

Retomando-se as concepções de cultura apresentadas anteriormente, pode-se referir a aspectos da cultura relacionados ao erudito, ao popular e ao voltado às massas, e classificá-los como cultura erudita, cultura popular e cultura de massa, como forma de simplificar a análise, porém tendo claro que esses aspectos se relacionam e se reconstróem, cada um baseado em elementos dos outros dois.

Pode-se chamar de cultura erudita àquela centralizada no sistema educacional, acadêmico, e portanto, formal, com identidade nos valores das classes hegemônicas. Cultura popular, pode ser entendida como antagônica à erudita, basicamente iletrada, corresponde aos valores simbólicos das classes subalternas. A cultura de massa está voltada para o mercantilismo, e portanto apresenta elementos da cultura erudita e da cultura popular transmutados de modo a serem comercializados tanto para as classes hegemônicas como para as classes subalternas. (BOSI, 1992, p.309)

Segundo Bosi(1992, p.330), a cultura erudita:

“ou ignora pura e simplesmente as manifestações simbólicas do povo, de que está , em geral, distante, ou debruça-se, simpática, interrogativa, e até mesmo encantada pelo que lhe parece forte, espontâneo, inteiriço, enérgico, vital, em suma, diverso e oposto à frieza, segura e inibição peculiares ao intelectualismo ou à rotina universitária.”(BOSI, 1992, p.330)

Pode-se identificar nesta citação os mecanismos de um “processo de valorização” citados anteriormente, onde as classes hegemônicas (cultura erudita) possuem estratégias de distinção, menosprezo ou condescendência em relação às outras formas simbólicas, no caso a cultura popular, como forma de se valorizar.

Porém alguns indivíduos das classes hegemônicas, de alguma forma podem identificar-se com os motivos da cultura popular, e desta identificação ocorre uma

apropriação gerando uma arte formal (erudita) baseada em temas populares, como é o caso da música de Villa-Lobos, onde encontramos cirandas escritas para serem tocadas no piano e cantos de macumba para coro e solista, ou das pinturas de Almeida Júnior que retratam temas caipiras, como “Caipira picando fumo - 1893” ou “O violeiro - 1899”, figuras 3 e 4 respectivamente. Temos exemplos dessa apropriação também na música universal, realizada por compositores como Bach, Tchaikovsky, Beethoven entre outros.

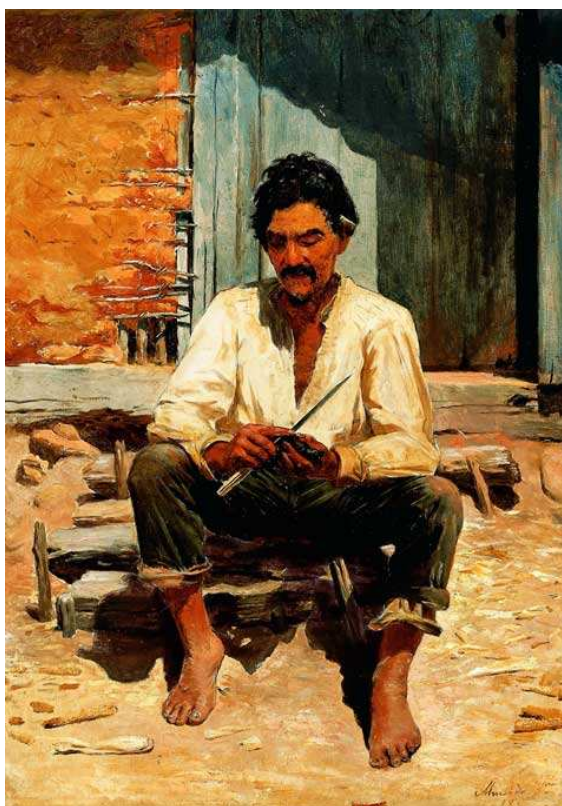


Figura 3 – Caipira picando fumo - 1893³

³ Retirado do *site*: <http://peregrinacultural.files.wordpress.com/>, acessado em 02/10/09 às 20h10.



Figura 4 – O violeiro - 1899⁴

Segundo Bosi(1992, p.331), “*só há uma relação válida e fecunda entre o artista culto e a vida popular: a relação amorosa.*” No caso do pintor Almeida Júnior isso fica evidente, pois o mesmo nasceu em Itu, interior de São Paulo, e sendo caipira, apesar de fazer parte de uma classe hegemônica, utilizou-se dos temas caipiras.

Da mesma forma, mas em sentido contrário, o popular também se apropria do erudito, através de uma reinterpretação, na qual a cultura erudita é absorvida e decodificada pela popular. (Herskovits apud BOSI, 1992, p.337) Exemplo deste processo é a modinha, primeiro gênero musical popular brasileiro, que derivou da moda portuguesa, extensamente tocada nos salões burgueses dos séculos XVIII e XIX.

Estabelece-se, dessa forma, a possibilidade de emancipação do subalterno através da valorização das “formas simbólicas” por ele emitidas, que representa um ganho de “capital simbólico”. Este ganho pode viabilizar o acesso aos outros capitais, como no caso de Almeida Júnior ou Carlos Gomes (compositor da ópera “O Guarany”),

⁴ Retirado do site: <http://www.cecac.org.br/>, acessado em 02/10/09 às 20h15.

que receberam uma bolsa de estudos de D. Pedro II para estudar na Europa, e desta forma viabilizar um novo conceito de hegemonia.

3 – Metodologia, Procedimentos e Estratégias Metodológicas

Para a realização deste trabalho utilizou-se o método dialético, pois este permite o diálogo entre sujeito e objeto, bem como a mediação entre a teoria e o conhecimento empírico. O método dialético pressupõe a necessidade de um trabalho de campo, que neste caso utiliza-se das técnicas de entrevista semi-estruturada, com o objetivo de captar discursos a partir de elementos chave pré-definidos e observação participante.(FERREIRA, 2006, p. 113)

Como estratégia metodológica, tem-se uma “análise cultural” a partir da “concepção estrutural” da cultura (THOMPSON, 1995, p.181), aplicada ao objeto de estudo, somente como ferramenta complementar a dialética, que por sua vez tem seu caráter definitivo quando da explicação de suas características fundamentais: totalidade, movimento e contradição, que devem remontar à tentativa de compreensão do universo.(DANTAS, 2005, p. 29)

Tendo assim a música como campo de interação e o Coral Vozes de Itu como objeto de estudo, que é abordado através de entrevista numa amostragem de seus cantores, baseada num questionário que norteia a “análise cultural” de modo a evidenciar os processos através dos quais se dá ou não o desenvolvimento de capital simbólico e/ou a humanização dos cantores do coral.

A “análise cultural”, nos moldes como foi apresentada por Thompson, é apresentada a seguir em tópicos resumidos, aplicados ao objeto de estudo, para um melhor entendimento da estratégia:

1-Determinar a posição do entrevistado dentro do campo de interação.

2-Determinar se há ou não a valorização da forma simbólica, no caso o trabalho artístico.

3-Verificar o reconhecimento do objeto de estudo, ou seja, do Coral Vozes de Itu, como instituição.

4-Elucidar a valorização cruzada no que se refere aos estilos musicais (Hegemônicos X Subalternos)

5-Verificar o reconhecimento dos cantores como parte da instituição, seu grau de identidade com ela, e a valorização cruzada no que se refere aos estilos musicais dentro da instituição.

6-Identificar um significado ideológico, e a importância do simbolismo para o cantor.

7-Verificar a aquisição de capital simbólico pelo cantor.

Com base nestes tópicos foi elaborado o questionário apresentado no Anexo 1, que norteia as entrevistas realizadas entre 15/08/09 e 25/08/09.

Ao final das entrevistas foi aberto um espaço para o entrevistado registrar quaisquer assuntos de importância para si mesmo que porventura não tenha sido abordado anteriormente.

4 – A fala do cantor

Foram realizadas entrevistas numa amostragem de cinco coralistas, das quais uma através de e-mail, as demais foram presenciais, a transcrição das entrevistas em forma de depoimento é apresentada no Anexo 2. Durante as entrevistas eventualmente a ordem das perguntas foi alterada, para permitir a continuidade de uma linha de raciocínio do entrevistado.

Foi identificado que todos os entrevistados ocupam uma posição intermediária dentro do campo de interação, ora por pouco acesso ao capital econômico e relativamente elevado acesso ao capital cultural, ora por relativamente alto acesso ao capital econômico e pouco acesso ao capital cultural (formal). Os cantores entrevistados enquanto profissionais fora do contexto musical, têm como profissão, ser professor, jornalista, micro empresário e cabeleireira.

Verificou-se o reconhecimento do Coral Vozes de Itu como instituição, uma vez que todos os entrevistados reconheceram suas regras e de certa forma se identificam com elas, e com a instituição em si.

Pela própria história do Coral Vozes de Itu, fica claro que este foi criado num contexto de subalternidade, identificando-se com o popular e buscando meios reativos em relação à situação musical vigente no momento de sua fundação. Os indivíduos que fazem parte dessa instituição também estão identificados nas classes subalternas, seja pela dificuldade de acesso ao capital econômico ou cultural.

Utilizando o esquema de relações entre as classes hegemônicas e classes subalternas apresentado na Figura 2 foi possível analisar o problema nas seguintes etapas: acesso ao capital simbólico, diálogo popular/erudito e valorização das formas simbólicas, acesso ao capital cultural, facilitação do acesso ao capital econômico em prol da causa do coral, um novo modelo de organização. Estes tópicos são tratados individualmente a seguir.

4.1 - Acesso ao capital simbólico

Num primeiro momento, integrantes dos corais das igrejas de Itu fundaram um coral para dedicar-se não somente à música sacra, mas também à popular. Esse movimento pode ser visto como um movimento reativo das classes subalternas,

primeiro em assumir sua condição e identificação com seus valores, a partir disso criando um novo espaço onde sua música seria viabilizada. As classes subalternas caracterizam-se pela dificuldade de acesso aos capitais, o que foi evidenciado no trecho da entrevista da Sra. Glória T. Carvalho, concedida no dia 15/08/09:

“e eu falei para minha tia que gostaria muito de cantar, ela disse: “mas de jeito nenhum. Primeiro, você não tem como sair, segundo, você tem que estudar, e terceiro, coral sempre exige roupas, e eu não tenho como comprar para você, então vá tirando isso da sua cabeça.”

Nota-se a dificuldade de acesso aos capitais, até mesmo o simbólico, no caso representado pelo cantar, que é inviabilizado pela falta dos outros capitais.

Porém, foi através das formas simbólicas, emitidas pelos indivíduos do coral, que ocorreu sua valorização. Um significado ideológico sobre a atividade de cantar no coral fica latente por todo o período das entrevistas, e torna-se mais evidente em algum ponto da entrevista que nem sempre coincide com as outras. Fica claro também que a origem desse significado ideológico depende da história pessoal de cada entrevistado, porém todos eles demonstram reconhecer um significado ideológico. Como mostrado nos trechos de entrevistas abaixo:

Trecho de entrevista concedida pelo Sr. Gerson de Souza, em 24/08/09.

“Cantar no coral para mim exatamente é super legal, porque eu vejo assim, primeiro por acreditar no que é a música, na importância da gente poder extravasar os sentimentos a partir da música. Por mais que a gente fique um ano inteiro ensaiando uma música, aliás, o próprio ensaio já é uma repetição de sentimentos que vai modificando à partir do desenvolvimento técnico. Mas quando você chega lá na frente para cantar eu me sinto extremamente especial, porque você se da conta de que é você quem está produzindo aquilo.”

Trecho de entrevista concedida por e-mail pelo Sr. Tarcio Mateus, em 15/08/09.

“Defendo a frase de autoria desconhecida por mim: “ A felicidade não existe mas sim momentos felizes”; e é exatamente esse o sentimento que me toma, quando estou desenvolvendo os trabalhos junto ao grupo...são esses os momentos em que fico bem comigo mesmo e com o resto do mundo...(risos) ... isso é felicidade? Então eu a tenho.”

Os trechos acima demonstram um significado maior da música para o cantor, inclusive como forma de extravasar sentimentos, e prover felicidade, denotando assim um caráter ideológico.

Trecho de entrevista concedida pela Sra. Gizelda Almeida, em 25/08/09.

“Eu participei do Sesquicentenário da Independência, foi lá no municipal. Cantamos no municipal com o Eleazar de Carvalho⁵, foi aquela peça “1812”, ah meu Deus...você nem queira saber a emoção, foi muito bom. Porque éramos nós, tinha outro coral, o do Eleazar, tinha a orquestra, tudo...nossa, que lindo! Foi emocionante, porque eu nunca tinha participado de uma coisa dessas, aquele teatro cheio, lotado, e depois no final aqueles aplausos, foi lindo!”

Pelo último relato apresentado também podemos verificar a aquisição de capital simbólico através da estratégia de *pretensão* citada anteriormente, por cantar lado a lado com profissionais de renome, e num ambiente valorizado dentro do campo de interação.

4.2 - Diálogos entre popular e erudito, possibilidade de valorização das formas simbólicas.

Quando questionados sobre os estilos de música que gostavam, nenhum dos entrevistados limitou-se ao estilo praticado no coral, foram citados estilos que vão da moda de viola ao estilo gospel norte-americano. Isso mostra o constante diálogo entre o

⁵ Eleazar de Carvalho, regente brasileiro de renome internacional, considerado em sua época entre os melhores do mundo.

hegemônico e subalterno, ou erudito e popular, neste caso representado pela música coral e seu formalismo, e o subalterno, representado aqui pelos estilos de música que fogem a esse formalismo, mas que também são apreciados pelos entrevistados.

Nesse contexto, ocorreu a apropriação do erudito pelo popular, pois o grupo, pertencente as classes subalternas, apropriou-se da música erudita dos compositores da cidade, estes também não legitimados, e passou a emitir uma forma simbólica que foi valorizada pelos indivíduos que as receberam.

Foi identificada uma valorização da forma simbólica do trabalho artístico através do reconhecimento de sua legitimidade, e isso se estende ao âmbito pessoal uma vez que a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal, como menciona a arte-educadora Ana Mae Barbosa (BARBOSA, 1987, p.178). O trecho da entrevista concedida em 25/08/09 pela Sra. Gizelda Almeida elucida este processo de valorização:

“Quando eu comecei no coral, o povo ituano parece que não gostava muito de canto coral, não dava importância, a gente fazia apresentações e iam pouquíssimas pessoas assistir. Daí quando o Luis entrou, e começou a fazer esse trabalho, com essas músicas sacras, começou a chamar, parece que o pessoal começou a gostar mais do canto coral, entender mais, então foi uma conquista de pouquinho em pouquinho. Eu acho que agora o povo ituano gosta, apesar de não ser assim uma grande maioria, mas eu acho que está melhor do que quando eu comecei, porque não tinha quase público.”

A declaração do Sr. Vicente Boff, em entrevista concedida em 24/08/09, demonstra que a música dos compositores ituanos, apesar do formato hegemônico, não estava legitimada no contexto sócio-histórico tratado, pois encontrava-se totalmente esquecida.

“O repertório que mais me agradou é a música dos compositores ituanos do século XIX, maestro Tristão Mariano, Elias Álvares Lobo, esses homens cujo

talento não é tão reconhecido, mas felizmente aqui em Itu, graças ao trabalho do Luis Roberto e do Coral, esses autores vieram a ser reconhecidos.”

Nos dois trechos transcritos acima, existe a menção ao “*Luis Roberto*”, Luis Roberto de Francisco, é o regente do Coral Vozes de Itu, possui formação musical formal, foi o responsável por propor a “idéia” de resgate da música erudita ituana ao grupo, e viabilizar o trabalho tecnicamente, através da restauração das primeiras obras.

Desta forma o diálogo entre a cultura erudita e a popular ocorreu através do grupo e seu regente. Porém é de suma importância esclarecer que o processo de retomada das obras eruditas sacras não foi impositivo por parte do regente, uma vez que é o grupo que escolhe e contrata o regente que bem lhe aprouver. Desta forma houve a empatia tanto do erudito com o popular, do regente pelo coro, como do popular pelo erudito, do coro pela proposta do regente.

4.3 - O acesso ao capital cultural

Os indivíduos do Coral Vozes de Itu identificaram na proposta de retomada da música erudita ituana a possibilidade de um acesso diferenciado ao capital cultural. Trata-se de um capital cultural único, a música erudita de Itu.

Desta forma, o grupo procurou meios para atender às necessidades que a música erudita requer, um refinamento técnico, uma linguagem específica. Foram organizadas aulas de canto com cantores profissionais, e aulas de teoria musical. Não necessariamente essa busca tenha sido em função da proposta, e nem mesmo a primeira, mas certamente foi o maior movimento nesse sentido, tanto que gerou a vontade em adquirir conhecimento musical formal individualmente, como elucidado no trecho da entrevista concedida em 25/08/09 pela Sra. Gizelda Almeida:

“Apesar de que eu gostaria de poder fazer mais aula de canto. Teve um curso, que ficou um ano só, na escola de música Santa Cecília, eu cheguei a falar lá

*no coral, mas não teve grande procura, tanto é que teve só um ano aqui, mas o que valeu... fiz um ano. Depois lá no coral, o que deu para eu participar.(...)
Sempre que deu para eu participar, eu participei.”*

4.4 - A facilitação do acesso ao capital econômico em prol da causa

“felizmente nós temos algumas pessoas que felizmente são muito amigas das artes em Itu, e graças à essas pessoas é que as coisas funcionam, porque se for esperar tudo da Prefeitura e da Secretaria de Cultura a gente tá perdido.”(Trecho de entrevista concedido pelo Sr. Vicente Boff em 24/08/09)

O Coral Vozes de Itu está inserido num contexto social, onde é necessário ter acesso ao capital econômico para realizar sua proposta. De certa forma, o trabalho de resgate realizado pela instituição, deu-lhe uma distinção no que refere-se à seriedade do trabalho e identificação com as pessoas da cidade.

Isto posto, não é incomum o coral procurar patrocínios particulares ou empresariais para a realização de trabalhos, e ser atendido com maior facilidade. Além disso parte da renda é obtida da venda de ingressos, pelos próprios coralistas, de eventos singulares realizados pelo coral, como por exemplo o Sarau ao qual se refere a cantora Gizelda Almeida na entrevista concedida em 25/08/09.

“E também o pessoal vai falando, no Sarau foi assim, no primeiro ano foi minha vizinha, do segundo ano para cá já consigo levar mais pessoas, tanto é que no último acho que vendi quinze. Então, para você ver, agora é maravilhoso, tem gente para aplaudir. Teve um casal, que a mulher já tinha ido à um concerto, mas o marido dela não tinha assistido nenhum, ele amou! Disse que não queria perder mais, gostou bastante. A pessoa não se dá a oportunidade de assistir, então não sabe se gosta, daí de repente quando vai gosta.”

4.5 - Um novo modelo de organização

“Eu acho que em Itu falta muito apoio dos poderes públicos. Mas eu acho que o ideal seria a comunidade se auto financiar, ela mesma proporcionar ao pessoal que mexe com arte não depender tanto do poder publico, porque o poder público é omissso, ele não enxerga essas coisas como prioridade, então esse apoio certamente Itu não tem.”(Trecho de entrevista concedido pelo Sr. Vicente Boff em 24/08/09)

Em função da falta de apoio público, houve a necessidade de pensar-se num novo modelo de organização. O Coral Vozes de Itu apresenta uma estrutura alternativa, onde os recursos são adquiridos de forma própria, e não é uma estrutura excludente, pois envolve pessoas de todas as classes sociais, onde as relações são permeadas por elementos de solidariedade, sentimentos de pertencimento, auto-estima, entre outros, tendo a música como pano de fundo.

O seguinte relato foi realizado pelo Sr. Vicente Boff, no momento em que o entrevistador pediu que registrasse algo de importância que não houvesse sido considerado.

“(...) Mas eu digo para você que a atividade musical é uma coisa que extrapola as outras atividades humanas. Quando nós todos percebemos um mundo tão degradado, tão corrupto, tão cheio de negatividade, quando um grupo se reúne para executar alguma ária, ou uma peça coral, qualquer coisa relativa à essas atividades, eu acho que nós estamos de alguma forma, com o nosso jeito, com as nossas ferramentas nós estamos melhorando o mundo. Quanto mais pessoas estivessem fazendo isso, muito menos pessoas estariam dedicadas à bandidagem. Então a atividade musical é muito importante, a hora que o mundo não tiver mais isso, eu acho que nós fomos pro buraco de uma vez por todas.”

O entrevistado traça um paralelo entre um contexto desumanizado, e a ausência da atividade musical, além de sugerir conseqüências graves caso a atividade musical seja extinta. Desta forma pode-se dizer também da humanização que a música proporciona nas pessoas que a praticam, e das suas conseqüências benéficas na sociedade.

5 - Considerações finais

Retomando o objetivo deste trabalho, estudar o diálogo entre características hegemônicas e subalternas presentes no processo de produção artística do Coral Vozes de Itu, e sua influência no desenvolvimento do capital simbólico e na humanização das pessoas que compõe seu corpo artístico, bem como a forma de ocorrência deste processo, pode-se afirmar que o objetivo foi atingido.

Ocorre o desenvolvimento do capital simbólico dos cantores do Coral Vozes de Itu.

O diálogo entre a cultura erudita, representada pela música erudita ituana, e a cultura popular, representada pelas pessoas do grupo coral, viabilizou a emissão de uma forma simbólica (a música erudita ituana cantada pelo Coral) que passou por um processo de valorização pelos indivíduos que receberam e interpretaram esta forma simbólica.

Acredita-se que é possível a humanização através da prática musical, mas no âmbito deste trabalho não foi possível concluir isso como verdadeiro, uma vez que não foi identificado nenhum caso de desumanização anterior à prática musical.

Esta bem definida uma identidade dos cantores com as atividades de resgate das obras dos compositores ituanos, e isso independe da sua característica sacra.

6 - Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae **Arte-Educação no Brasil – Realidade hoje e expectativas futuras.** In “Congress on Quality on Art Teaching” – UNESCO, 1987

BOSI, Alfredo **Dialética da Colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992

DANTAS Jr., Hamilcar Silveira **ESTADO, EDUCAÇÃO E HEGEMONIA: REFLEXÕES TEÓRICOMETODOLÓGICAS DA FILOSOFIA DA PRÁXIS DE ANTONIO GRAMSCI.** – in Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.20, p. 28 - 44, dez. 2005 - ISSN: 1676-2584

FERREIRA, Maria Nazareth **Alternativas metodológicas para a produção científica.** – São Paulo: CELACC-ECA/USP, 2006

GEERTZ, Clifford **Transição para a Humanidade** In: O Papel da Cultura nas Ciências Sociais. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980

LUIZ, Danuta E. Cantoia **Capacitação e emancipação: uma relação possível.** – in Revista Textos & Contextos Porto Alegre v. 8 n.1 p. 68-88. jan./jun. 2009

SEMERARO, Giovani **Da sociedade de massa à sociedade civil: A concepção da subjetividade em Gramsci.** – in Educação & Sociedade, ano XX, nº 66, Abril/99

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** – Petrópolis, RJ:Vozes, 1995.

Anexo 1 - Questionário para entrevista dos cantores do Coral Vozes de Itu.

(Entre parênteses tem-se o tópico da “análise cultural” relativo à pergunta.)

Nome:

Profissão: (Determinar a posição dentro do campo de interação)

1) Há quanto tempo você pratica o Canto Coral e qual o motivo particular de interesse em cantar num coral? (Definir valorização da forma simbólica do trabalho artístico)

2) Você já cantou em outros corais? Como foi a experiência?

3) O coral, como instituição, tem algumas regras básicas, quais são as de maior importância para você? Como você se posiciona diante dessas regras? (Reconhecer como instituição)

4) Quais os estilos de música que você gosta? (Elucidar a valorização cruzada no que se refere aos estilos (Heg X Sub))

5) Existe uma preparação específica para se cantar no coral (aulas de canto, preparação vocal, etc), apesar de não ser obrigatória para o ingresso de novos cantores. Por tratar-se de um coral amador, você acha isso necessário? Justifique. (Reconhecer-se e fazer parte da instituição)

6) Do repertório que o coral já cantou, qual foi o que mais lhe agradou em cantar? Por que? (grau de identidade com a instituição) (Elucidar a valorização cruzada no que se refere aos estilos (Heg X Sub))

7) Quando você esta atuando como cantor(a) no coral, qual é o sentimento que melhor representa o seu estado de espírito? (Significado ideológico, importância do simbolismo para o cantor)

8) Na sua opinião, como a comunidade vê o trabalho que você desempenha no coral (o próprio trabalho do coral)? (Definir valorização da forma simbólica do trabalho artístico)

9) Antes de fazer parte do coral, você realizava alguma atividade artística? Se sim, como foi essa experiência? (Significado ideológico, importância do simbolismo para o cantor)

10) No que se refere às artes, como você se vê antes de fazer parte do coral em comparação com os dias de hoje? (Significado ideológico, importância do simbolismo para o cantor)

11) Existe algum “valor”, que de alguma forma você obtenha cantando no coral, que não seria possível em outro tipo de atividade artística, ou mesmo de outra característica que não artística? (Aquisição de capital simbólico)

Anexo 2 - Entrevistas

Entrevista realizada em 15/08/09 com a Sra. Glória Therezinha de Carvalho, professora, cantora do Coral Vozes de Itu.

“Eu estou no coral há 28 anos, isso é uma vontade que eu tinha desde que era criança. A música sempre foi muito importante, tanto é que quando eu tinha 11 anos eu gostava muito de cantar, ganhei um concurso, e assim sucessivamente a minha vida foi voltada para a música, sempre. Tanto é que eu não gosto de faltar aos ensaios, dificilmente. Gostaria de participar de corais maiores, não em quantidade, mas em renome. Mas não tem como morando em Itu.

Eu acho que as pessoas têm que ser responsáveis no que fazem, senão não se faz um bom trabalho. As regras, primeiro a disciplina, horários, assiduidade, tudo isso faz parte de um bom trabalho do grupo. Eu sigo isso rigorosamente.

Eu gosto das músicas clássicas. Eu ouço todas, mas prefiro mais essas. Gosto de todas, mas prefiro música clássica, mexe muito com meu íntimo. Porque as vezes que eu me sinto meio triste eu ponho um CD de música clássica e isso me acalma, sempre faço isso.

A preparação vocal é muito importante, principalmente as aulas técnicas, isso para mim foi muito bom, eu acho. Se o coro não tiver uma preparação tecnicamente falando, eu acho que não tem como sair daquele nível, vai ficar sempre ali. Quando não havia uma preparação vocal, o coro cantava piano e a afinação caia, quando cantava forte a afinação subia, não tinha essas coisas (dinâmica) que nós fazemos hoje, Dona Ana Maria, para mim, foi um espetáculo, eu aprendi muito com ela, pena não ter aprendido mais por falta de tempo.

O repertório que eu mais gosto é o de música sacra, isso para mim é fora de série, não sei bem dizer porque, mas a gente se sente bem cantando música sacra. Gosto de outras músicas também, já cantamos muita música popular, então o Luis chegou e colocou um repertório sacro, e a gente se sente melhor, a gente doa-se melhor, não sei, me sinto assim.

Cantar é uma alegria, não sei se é bem alegria, parece que libera sua alma, eu me sinto muito bem assim, para mim é muito bom, eu adoro.

Sinceramente 25% da população gosta do canto coral, o resto prefere música popular, sertaneja, quando tem um evento com esse tipo de música lota, quando é o

coral, são sempre as mesmas pessoas, você olha na platéia e vê as mesmas pessoas. Já convidei muitas pessoas, do bairro onde moro, elas dizem “A tá...”, mas não aparece um, nem parente. Eu não sei se é falta de divulgação, ou se o pessoal mesmo não gosta de coral. Uma vez uma pessoa me disse: “Nossa! Eu não sabia que Itu tinha um coral desse jeito.”, é porque nunca foi numa apresentação. Quantas vezes fizemos encontros de corais, na igreja São Luiz, assistiam as mesmas pessoas, e as famílias de quem cantava no coro.

Quando era jovem eu trabalhava em rádio teatro, fiz três novelas, eu gostava muito, eu era mocinha nas novelas. Era dentro do estúdio, tinha os contra-regras que faziam os sons no estúdio. Eu também cantava no rádio, até os 18 anos, aí comecei a namorar.

A minha vida antes do coral era muito pesada, mesmo sendo atriz de radio novela, meus tios não gostavam muito, por isso, quando foi fundado o coral vozes de Itu eu cantava no orfeon do ginásio Regente Feijó, e o padre que foi ensaiar a gente para a festa do aniversário do ginásio, disse: “como você é afinada, porque você não entra no Coral Vozes Itu?”, e eu falei para minha tia que gostaria muito de cantar, ela disse: “mas de jeito nenhum. Primeiro, você não tem como sair, segundo, você tem que estudar, e terceiro, coral sempre exige roupas, e eu não tenho como comprar para você, então vá tirando isso da sua cabeça.”. Era uma vida privada, era só casa, crianças, filhos, marido, aquelas coisas. Então quando surgiu a oportunidade de entrar no coral, “Agora ninguém vai me impedir!”, levei meu marido lá e ele acabou entrando, minhas filhas entraram também, entrou a família toda. Para mim foi uma realização, minha vida melhorou muito, foi muito bom para mim, e é até agora.

Cantar no coral para mim hoje representa quase tudo. Eu não sei se eu conseguiria fazer outra coisa, porque eu gosto demais de cantar, então não me vejo fazendo outra atividade, a não ser cantar.”

Entrevista realizada em 24/08/09 com o Sr. Vicente Boff, micro empresário, cantor do Coral Vozes de Itu.

“Eu acho que nós vivemos num mundo tão globalizado, tão cruel, tão desumano, que esse tipo de coisa trás mais prazer para mim do que para você, já que estamos contribuindo para que se faça alguma coisa em nome da arte, então para mim é um

prazer muito grande. Não se preocupe em agradecer porque eu é que me sinto engrandecido de participar.

Cantar é uma coisa que a gente não nasce sabendo, ou nasce. Algumas pessoas adquirem o dom, outras já nascem com ele, e eu acho que fui privilegiado por Deus e nasci com essa facilidade de cantar, então desde menino, de 15 anos, eu já cantava no coro da igreja do Carmo, daí para pular pro coral vozes de itu foi como a maioria dos antigos, foram reunidos os elementos que cantavam nos coros das igrejas de itu, e daí se formou o coral vozes de itu, e eu felizmente estava no meio.

Pra mim cantar no coro da igreja sempre foi um prazer muito grande, porque eu tinha uma facilidade em aprender, tinha uma voz razoavelmente afinada, então para mim sempre foi uma coisa muito prazerosa. Eu acho que muito mais por isso do que propriamente para louvar à Deus. Seria mais para a minha própria auto realização como cantor, não que seja assim essas coisas todas como cantor, mas eu me sinto muito bem cantando, sinto muito prazer.

Como todas as coisas na vida, a arte tanto seja como cantor, como interprete, ou então participante de uma orquestra, tem muito de disciplina, então se a pessoa não tiver esse senso de disciplina, então ele nem pode participar dessas coisas. Eu acho que para mim é um ponto fundamental além do próprio talento. Se a pessoa tem o talento e não tem disciplina não vai acontecer nada, então essas obrigações que a gente tem com o coral, volto a dizer, para mim eu sou privilegiado, eu deixo muita coisa de fazer para poder participar dessas atividades do coral.

A minha própria formação está toda voltada para música clássica, erudita e religiosa. Com relação ao coral vozes de itu, eu não estou fora do contexto, porque o que mantém o coral hoje em atividade, ao contrário de muitos que já encerraram, é justamente essa fixação na música sacra erudita, principalmente dos compositores ituanos do século XIX, isso, para mim, é mais importante que qualquer outro repertório. Em termos de musica eu gosto de todas, a não ser essas coisas modernas, que não vem ao caso, mas a música popular brasileira boa, eu sou um grande apreciador, principalmente da moda de viola, música de raiz, eu gosto muito de ouvir, e gosto muito de cantar.

Quanto a preparação vocal, eu não acho que seja importante, eu acho que é fundamental, porque é isso que diferencia um coral bem sucedido de um coral, usando uma expressão chula, meia-boca. Essa preparação vocal, que tudo tem à ver com a disciplina é que faz a diferença, para mim é muito importante isso. A pessoa que não se

submete à esse tipo de atividade antes de ensaiar, por exemplo, que é quando geralmente acontece isso, ela nem pode participar, porque é o modo que o maestro tem para afinar as vozes, enfim sentir nessa preparação o que o coral é.

Sou um dos fundadores do coral, desde 1965, aliás sou o único que está lá até agora. O repertório que mais me agradou é a música dos compositores ituanos do século XIX, maestro Tristão Mariano, Elias Álvares Lobo, esses homens cujo talento não é tão reconhecido, mas felizmente aqui em Itu, graças ao trabalho do Luis Roberto e do Coral, esses autores vieram a ser reconhecidos. Eu acho que para mim, toda essa minha participação de 44 anos, para mim foi fundamental a introdução do Coral à esse repertório.

O sentimento que melhor represente o momento em que estou cantando, para ser sincero para você, quando a gente se depara com situações como essa, às vezes eu chego a interromper, tal é a emoção. Vem uma coisa assim de dentro da gente, a gente participou de uma coisa tão bonita, que são essas obras desses autores, então as vezes eu até chego a parar de cantar, dá uma respirada porque a emoção aflora, entendeu? Eu acho que isso responde a sua pergunta.

Eu acho que em itu falta muito apoio dos poderes públicos. Mas eu acho que o ideal seria a comunidade se auto financiar, ela mesma proporcionar ao pessoal que mexe com arte não depender tanto do poder publico, porque o poder público é omissivo, ele não enxerga essas coisas como prioridade, então esse apoio certamente Itu não tem. Mas felizmente nós temos algumas pessoas que felizmente são muito amigas das artes em Itu, e graças à essas pessoas é que as coisas funcionam, porque se for esperar tudo da Prefeitura e da Secretaria de Cultura a gente tá perdido. Eles não tem a menor intenção de ajudar, se isso servir é um protesto, porque eu até protestei agora na semana santa, mandei um ofício para tudo quanto é autoridade em Itu, lamentando o fato de o coral ter um estudo de 12 anos sobre os compositores ituanos e nós não temos nos apresentado na semana santa por falta de interesse. Eu acho isso crítico. Teve algum interesse dos padres da comunidade carmelita, mas parou aí. Então, a gente tem um repertório para fazer uma semana santa inteira, melhor inclusive do que é feito em Minas, isso eu citei nesse meu protesto, que foi enviado para tudo quanto é autoridade em Itu. Teve alguma repercussão, algumas pessoas me chamaram para conversar, mas a partir dessa conversa não deu em nada, e até agora eu não vi nada ainda concreto, vamos ver se agora na semana santa do ano que vem se isso realmente vai acontecer. Mas eu continuo achando

que o dever de preservar as coisas relativas à arte numa comunidade não é toda do poder público, é da própria comunidade.

A poesia é um passatempo, não é encarada com tanta seriedade como eu encaro o coral. Escrevo para jornais, em datas específicas eu faço alguma coisa, dia das mães, dia dos pais, dia da mulher. Mas digo para você que isso não é uma atividade que... ela me causa prazer, mas que eu me dedique mesmo com todo o carinho é o coral, a arte de cantar.

O que eu faria se não houvesse o Coral? Como eu gosto muito de cantar, eu acho que eu teria inventado alguma coisa, formado algum coro, ou então ido cantar em algum numa cidade vizinha, porque jamais eu ficaria sem cantar. Eu participaria de alguma coisa relativa, tem os coros das igrejas, embora a qualidade seja um pouco discutível, a gente tem participado inclusive para ajudar. Talvez se não tivesse o Coral Vozes de Itu, eu teria me dedicado mais ao coro do Carmo, vamos dizer assim. Mas sempre cantando.

Cantar no coral é uma coisa tão abrangente, que as vezes sou obrigado à me interromper para dar vazão à essa emoção que aflora. Então essa emoção é o resultado daquilo que a gente ta fazendo. Se eu não cantasse no coral, eu não sei se eu teria essa emoção escrevendo um poema. Acho que não. Não sei se eu teria isso cantando uma moda de viola, que é uma atividade que a gente faz freqüentemente também. Então esses valores de que você está perguntando eu diria que é a emoção, é um valor emotivo, alguma coisa assim. Como é uma coisa que não dá para se materializar, a gente fica meio aéreo para responder, mas em linhas gerais, para ser um pouco claro, a emoção é muito grande quando a gente está executando essas coisas bonitas.

Como músico eu pouco tenho à acrescentar, porque você é uma pessoa extremamente competente no que faz, então como músico eu não teria nada a acrescentar. Mas eu digo para você que a atividade musical é uma coisa que extrapola as outras atividades humanas. Quando nós todos percebemos um mundo tão degradado, tão corrupto, tão cheio de negatividade, quando um grupo se reúne para executar alguma ária, ou uma peça coral, qualquer coisa relativa à essas atividades, eu acho que nós estamos de alguma forma, com o nosso jeito, com as nossas ferramentas nós estamos melhorando o mundo. Quanto mais pessoas estivessem fazendo isso, muito menos pessoas estariam dedicadas à bandidagem. Então a atividade musical é muito importante, a hora que o mundo não tiver mais isso, eu acho que nós fomos pro buraco de uma vez por todas. “

Entrevista realizada em 24/08/09 com o Sr. Gerson de Souza, jornalista, cantor do Coral Vozes de Itu.

“O canto coral eu devo ter encontrado por volta de 2002, naquela época eu trabalhava como jornalista e fui acompanhar minha namorada que estava querendo entrar no coral. Ela foi lá, fez um teste, e aí eu fui convidado pelo Luis Roberto a fazer o teste também para poder entrar no coral. Eu fui, achei interessante, depois eu entrei como tenor, ela ficou comigo por 3 ou 4 anos, depois ela saiu e eu continuei. Então de certa forma eu entrei por acidente no coral, mas aí, se você pegar toda uma linha de compreensão histórica é bem interessante, porque eu lembro que quando era criança eu assistia minha mãe cantando na igreja matriz em Salto, então a minha aproximação com coral, eu já gostava desde criança. E também como repórter eu fiz coberturas de apresentações do coral, e o que eu tinha achado muito interessante do coral vozes, era de trabalhar justamente essa linha sacra. Eu me lembro que cobri duas ou três apresentações, participei inclusive do festival de artes quando eles apresentaram e achei muito interessante, então naquele momento quando eu fui lá fiz o teste e comecei a fazer parte do coral, então eu de repente comecei a fazer parte de algo, de um grupo que eu achava excelente. Era um grupo que me possibilitava sentir intensa forma de relação de sentimentos que é a forma de trabalhar a música. Então quando eu entrei no coral e depois continuei, foi justamente por isso. Foi pela linha, essa questão da música sacra, segundo por essa possibilidade que a gente vai descobrindo depois do que é ser cantor. Eu já tinha uma experiência na área de arte mas dentro do canto coral não, e essa descoberta de que você é que passa a produzir o próprio som, e de que você que passa trabalhando a questão da música passa a ser o interprete de algo histórico que foi escrito, você passa a ser representante de um momento histórico que você passa a transmitir para outras pessoas, acho que foi isso que foi me mantendo dentro do canto coral. Então essa relação que eu tenho hoje, pensando a música, pensando a importância do coral, pensando a comunicação que você tem com as outras pessoas é que eu acho fundamental, e é isso que me mantém no coral.

Na minha história pessoal eu passei a infância inteira ouvindo, do meu pai a música sertaneja, da minha mãe era Nat King Cole e Elvis Presley. E eu gosto de MPB, música brasileira, e também eu fui descobrir a música clássica aos 14 anos quando fui estudar violão clássico. Eu não tinha nenhum conhecimento assim, e no momento que eu passei a descobrir esse outro universo eu falei: -Nossa, a música clássica permite o

que depois eu passei a re-elaborar pensando um pouco a questão da música, a importância da música clássica. Eu fui descobrindo vários autores, primeiro no violão, depois orquestra, depois ópera, e fui estendendo todo esse campo, e depois ainda uns trabalhos com música popular e uma série de coisas. Então tem um leque de estilos de música que vai desde MPB até Spirituals, que eu acho muito interessante, talvez até por uma questão de ser negro e me coloca dentro desse centro de identidade também, gosto da música sacra, gosto também de MPB, mas no coral assim o que me atrai são os spirituals mesmo e mais a música clássica. A MPB eu acho interessante, mas não sei, as vezes eu acho que a letra muitas vezes, na forma de passar para as outras pessoas ela tem uma perda. A minha forma de compreender é: -o que é importante nesse estilo de música? Eu acho legal quando você transmite, por exemplo, a partir da música clássica você toca ou você canta pro público, primeiro tem essas duas dimensões, nós nos sentimos como os interpretes que passa para eles, então é você que esta provocando um sentimento numa outra pessoa. É claro que vem toda uma parte de exercício técnico que a gente tem que depois compreender, e que somado à essa forma de expressão, faz com que a gente tenha um desenvolvimento individual. Eu me sinto lá, usando um conceito meu que eu chamo de nossas potencialidades que é a nossa pluralidade de ser, então uma das nossas formas plural de ser, que é a partir da arte, a partir de ser cantor, no que você está de frente pro público transmitindo aquela forma de sentimento é extremamente importante, e quando você não tem uma música que de certa forma reduz a forma de interpretação dele, você permite que a outra pessoa viaje. Mesmo que utilizando a música sacra, eu estou num contexto de religiosidade, então eu não estou reduzindo a música à religião, é isso que talvez seja importante. Por mais que a temática esteja num contexto de religiosidade, que ultrapassa um reducionismo de dogmas muitas vezes que são colocados. Então as pessoas que estão ouvindo, elas remetem ao conceito de religiosidade mas elas deslocam para vida delas todo um sentimento que é você que está transmitindo e dialogando. Então nessa forma de comunicação, de estabelecer um sentido, porque primeiro para nós por mais que tenha uma técnica que esteja desenvolvida para o canto, é um sentimento que você passa, e isso, para gente, no nervosismo daquele momento fica interessante. E pras outras pessoas, por mais que elas já conheçam, cada pessoa vive anos diferentes, momentos diferentes, e talvez naquele momento a forma como ela passa a articular esse sentimento de religiosidade ao ouvir a música, viajar, já que eu não estou reduzindo ela meramente a que pense na interpretação que eu estou colocando da letra da música, mas que permita que ela se

estenda pelo som, pela harmonia, pelo som do piano, ou pelo que os baixos estão fazendo, ou os contraltos, ou pelo conjunto, ou pela forma com que o cantor naquele momento esta sob uma alta... tem uma intensidade. Então todo aquele movimento que acontece permite que ela estabeleça uma relação com quem esta cantando e uma relação com a vida dela. E nós não temos domínio sobre esse sentido, isso é o que eu acho importante, é muito diferente de você utilizar a música como instrumento de dominação, isso pode ser também, eu utilizo a música meramente como um fundo e passo a articular uma serie de palavras ou um discurso que direciona a pessoa àquela forma de sentimento, isso é o uso que eu chamo de reducionista da música. Por isso que eu acho muito interessante quando faço musica sacra ou gospel, porque você permite que elas estendam uma certa religiosidade para além da própria religião em que ela está. Então não só os músicos passam a ver a importância deles como sujeito para transmitir isso, mas o público também. E o importante é que se tiver cem pessoas assistindo, o sentido que elas passam a articular sobre isso são diferentes, e nós não temos esse domínio, não há o reducionismo da letra, para que eu adapte a melodia, a harmonia para que as pessoas saiam de lá se sentindo daquele jeito, por mais que tenha um contexto, mas aquele contexto permite que eu tenha uma série de variações que não é possível você dominar dentro dessa relação comunicativa. Isso é que eu acho legal.

A comunidade tem um olhar... é que você se torna um representante, então elas olham e articulam assim, é como se eu estivesse dentro de um livro, me possibilita eu ter outras formas de sentir da minha vida à partir de quem escreve. Então não é que eu ache que a comunidade veja assim: “Puxa, você canta no coral, que legal! Ah eu não tenho condição de fazer isso...” Então ela se exclui de fazer parte do coral, eles dizem que você tem um dom, uma técnica a qual permite que a música saia de uma forma “agradável” para que eu possa pensar: ”Vocês tem um trabalho muito legal!”. Então muitas vezes pro músico, que é importante para articulação técnica que ele tem e muitas vezes é pelo próprio evento, de você continuar sendo um representante mesmo de um momento histórico que passa a ter um ciclo anual do qual ele participa. O próprio ciclo de vida dele esta encerrado nisso. Então a comunidade vê a gente como pessoas especiais, não são pessoas que estão no dia a dia dela, não são pessoas que tem muitas vezes aquela mesma preocupação. As pessoas que estão no coral, são pessoas que estão se preparando para um momento, e esse momento é um momento no qual ela tem o prazer de estar junto.

Cantar no coral para mim exatamente é super legal, porque eu vejo assim, primeiro por acreditar no que é a música, na importância da gente poder extravasar os sentimentos a partir da música. Por mais que a gente fique um ano inteiro ensaiando uma música, aliás, o próprio ensaio já é uma repetição de sentimentos que vai modificando à partir do desenvolvimento técnico. Mas quando você chega lá na frente para cantar eu me sinto extremamente especial, porque você se da conta de que é você quem está produzindo aquilo. O Luis Roberto fala uma coisa muito interessante: “Um coral com cinquenta pessoas é um coral, um coral com quarenta e nove é outro coral.” Então você tem uma importância fundamental lá, porque a sua voz, a sua articulação, é você como esta naquele momento que passa a ser um outro coral. Se você não está lá vai ser diferente, independente de como vai ser a apresentação, mas vai ser diferente porque você não está lá. E quando você está lá, você consegue produzir isso. O olhar que você tem para as pessoas que estão assistindo, eu acho isso legal. Então para mim, o coro, independente de você ser ou não solista, o coro tem um papel essencial, porque cantar no coro é mais difícil, como solista você tem as suas articulações que você pode soltar a partir do momento que você toma aquilo como um solo, mas o coro não, ele obedece uma série de conjuntos na qual eu sou obrigado a dar o melhor de mim, mas ao mesmo tempo eu sou obrigado a estar na mesma relação com o outro. Então não tem como eu gritar dentro do naipe, e ao mesmo tempo eu sou obrigado a dar o melhor de mim. É um exercício, para gente que está no coro, muito mais pesado do que você ficar livre disso e cantar individualmente fazendo o solo. Talvez tenha uma dimensão importante mais para o solista que para o coro, mas estar no coro é uma atividade prazerosa e pesada, que exige muito de você.

Do repertório eu gostei dessa apresentação de spirituals, eu achei muito legal, é um tipo de música que faz com que a gente tenha outras articulações, saia um pouco do que a gente via antes só de música sacra. Gosto muito da semana santa. E gostei muito das obras do Pe Jesuíno do monte Carmelo. Meu preferido ainda é a parte da semana santa.”

Entrevista realizada em 25/08/09 com a Sra. Gizelda de Almeida, cabeleireira, cantora do Coral Vozes de Itu.

“Eu estou no coral faz 32 anos mais ou menos. Procurei o coral porque eu gosto, sempre gostei de cantar, e na época era eu e minha cunhada, eu disse: -Vamos procurar, vamos ver se dá para gente fazer parte do coral... A gente via apresentações e dizia: -Ah que legal... Daí ela topou. Daí nós duas entramos, só que depois ela começou a namorar o meu irmão, casaram e ela saiu, e eu continuei. Eu gosto, por isso que estou no coral todo esse tempo, se sair acha falta. Teve uma vez que eu pedi uma licença de um ano mais ou menos, eu achava falta, não via a hora de voltar logo.

Eu cantava na escola, eu estudava no Cesário Mota e lá tinha orfeon, eu cantei no orfeon. Fora isso eu cantava em grupos na missa, mas sempre cantei.

Quando criança, a gente brincava muito de fazer teatro, eu sempre gostei de teatro, música, canto, sempre gostei.

Eu acho que eu gosto de todos os estilos de música, porque eu gosto do samba, do popular, gosto de música sacra, sertanejo...a única que eu não tenho afinidade é a música japonesa, porque a gente não ouve muito, não é comum. Uma vez, acho que no festival de artes, tinha varias apresentações, e teve a colônia japonesa daqui de itú, eles fizeram uma apresentação lá no Carmo, e teve um japonês que cantou umas músicas lá, legal. Mas foi a única vez. CD e DVD a gente não se interessa, porque foge um pouquinho do nosso estilo, mas é legal também.

Eu gosto daquela peça “O Rei dos Reis”, de natal, do Jesuíno, né? Que não tem como não gostar, e do Sarau. Ah como eu gosto do Sarau, meu Pai amado!

Olha, vem tanta coisa na minha cabeça que você nem imagina. Até eu brinco com a Vera, com a Glória, eu falo assim: “-Só que naquele tempo, nós não estaríamos cantando!” Que legal, isso trouxe a possibilidade daquele tempo, de a gente saber como é que era, só que com a gente do mesmo lado, cantando, sei lá. Eu acho, para mim é legal. Auto-estima sabe? Trabalha a auto-estima.

Quando eu comecei no coral, o povo ituano parece que não gostava muito de canto coral, não dava importância, a gente fazia apresentações e iam pouquíssimas pessoas assistir. Daí quando o Luis entrou, e começou a fazer esse trabalho, com essas músicas sacras, começou a chamar, parece que o pessoal começou a gostar mais do canto coral, entender mais, então foi uma conquista de pouquinho em pouquinho. Eu acho que agora o povo ituano gosta, apesar de não ser assim uma grande maioria, mas eu acho que está melhor do que quando eu comecei, porque não tinha quase público. Das minhas amigadas, tem muitos que gostam, tem outros que a gente convida para assistir já não vão, não gostam muito, mas eu acho que é bem aceito. Hoje é mais bem

aceito que antigamente. Eu acho que na divulgação melhorou bastante e também na qualidade, chamou mais o público. E também o pessoal vai falando, no Sarau foi assim, no primeiro ano foi minha vizinha, do segundo ano para cá já consigo levar mais pessoas, tanto é que no último acho que vendi quinze. Então, para você ver, agora é maravilhoso, tem gente para aplaudir. Teve um casal, que a mulher já tinha ido à um concerto, mas o marido dela não tinha assistido nenhum, ele amou! Disse que não queria perder mais, gostou bastante. A pessoa não se dá a oportunidade de assistir, então não sabe se gosta, daí de repente quando vai gosta.

A gente tem que ser interessado, eu acho uma boa. Apesar de que eu gostaria de poder fazer mais aula de canto. Teve um curso, que ficou um ano só, na escola de música Santa Cecília, eu cheguei a falar lá no coral, mas não teve grande procura, tanto é que teve só um ano aqui, mas o que valeu...fiz um ano. Depois lá no coral, o que deu para eu participar. Fiz com você, né? Sempre que deu para eu participar, eu participei.

Eu só falto no ensaio quando não dá para eu ir. Se eu faltei é porque alguma coisa aconteceu, ou eu estou aqui enroscada com a minha mãe, ou eu estou, o Luis fico louco comigo... eu tenho umas oficinas em São Paulo da UNEI (União Negra Ituana), é uma oficina de capacitação, eu preciso estar lá porque eu faço parte da diretoria e não tem muita gente para estar multiplicando isso também. Então tem que ir né? Mas é uma vez por mês. Então eu falto do coral só mesmo numa necessidade, senão eu não falto.

O coral, para mim e todo mundo que esta a muito tempo lá, é a segunda casa, é a segunda família. Temos a nossa família em casa, e depois lá é nossa segunda família. Então é uma coisa que faz falta, a gente sente falta. para mim pelo menos, trabalha muito a minha mente minha cabeça, meu coração, você entendeu? Porque eu participo de muita coisa, então se eu saio, eu saio porque eu vou para alguma coisa, a UNEI, a igreja, mas não tem aquela coisa de sair para passear. Então o coral acho que supre essa parte aí que eu não tenho. Dizer assim...seria bom que eu pudesse sair, me divertir...mas eu acho que se eu não tivesse o coral eu seria muito bitolada, eu iria ficar muito dentro de casa sem fazer nada, depois não via gente nova, não participada das coisas, sabe? Ah, ta louco! Eu gosto de participar, fazer coisa diferente.

Quando estou cantando sinto uma satisfação, alegria. Eu gosto mesmo, gosto de estar lá.

Quando eu entrei no coral, a gente ensaiava no salão do seminário do Carmo. Depois de lá a gente foi ali do lado da APAE, na capelinha do centro, daquele prédio ali.

Então, nesse meio tempo, a correria para gente conseguir lá, a sede de agora. Tem as fotos lá... era aquela correria, a gente catando papelão pelo centro da cidade para construir a sede. Então é uma coisa que a gente tem como é da gente, é assim que a gente se sente, um lugar da gente. Os momentos ruins também. Teve uma vez que quase acabou o coral, eram sete que iam no ensaio, todo sábado eram aqueles sete ali, e eu estava lá. É também uma satisfação que a gente tem, uma colaboração que a gente deu para isso continuar. Eu estou contando isso para você ver que é coração mesmo. A gente catava papelão no centro da cidade, tinha o Tomba, que tinha um caminhão, nessa época me parece que era o Tomba o presidente, então a gente saía no centro da cidade catando garrafa, papelão, ferro, jornal... sabe essa limpeza que a Prefeitura faz nas casas de vez em quando? A gente fazia. Então as pessoas colocavam as coisas na rua para gente catar, fazia aquela limpeza mesmo, reciclável né? Papelão, garrafa...acabava vendendo e o dinheiro revertia para construção lá. Entre arrecadar dinheiro e comprar as coisas, levamos mais ou menos três anos para construir a sede... Na rua, era Neide, Durvalino, Pedro, Brás, Dona Zélia, Sr. Roque, eu, quem mais? Tinha bastante gente, acho que Savioli, acho que Salete aquele tempo estava também, a Regina com o Eduardo acho que também...tinha bastante gente. Foi até divertido viu...uma coisa completa a outra, foi muito bom.

Eu participei do Sesquicentenário da Independência, foi lá no municipal. Cantamos no municipal com o Eleazar de Carvalho foi aquela peça “1812”, ah meu Deus...você nem queira saber a emoção, foi muito bom. Porque éramos nós, tinha outro coral, o do Eleazar, tinha a orquestra, tudo...nossa, que lindo! Foi emocionante, porque eu nunca tinha participado de uma coisa dessa, aquele teatro cheio, lotado, e depois no final aqueles aplausos, foi lindo! Foi muito bom, foi legal. Eu acho que fazia um ano que eu cantava no coral naquele tempo. Foi muito legal.

O resgate dos compositores ituanos eu acho fantástico, eu acho uma coisa que o Luis fez...de buscar e trazer isso para gente, pro coral cantar. Porque é importante, se Itu tem um compositor desse, vale a pena mostrar, e o povo ituano nem sabia que existiam esses compositores que compuseram todas essas músicas tão lindas. Então eu acho que é um orgulho para cidade, para gente, pros ituanos. Eu acho muito importante, eu acho bárbaro esse resgate que a gente faz.”

Entrevista realizada, através de e-mail, em 15/08/09 com o Sr. Tarcio Mateus, professor, cantor do Coral Vozes de Itu.

Questionário para entrevista dos cantores do Coral Vozes de Itu

Nome: Tarcio Mateus

Profissão: Professor (História e Geografia)

1) Há quanto tempo você pratica o Canto Coral e qual o motivo particular de interesse em cantar num coral?

- Sou integrante do coral Vozes de Itu desde 1998 e, o principal motivo do meu ingresso foi mesmo a paixão pela música, não especificamente desenvolvida através do canto coral mas sim ela como um todo.

2) Você já cantou em outros corais? Como foi a experiência?

- Não, o Vozes foi a primeira e única experiência até o momento.

3) O coral, como instituição, tem algumas regras básicas, quais são as de maior importância para você? Como você se posiciona diante dessas regras?

- Creio que seja a assiduidade aos ensaios, já pré-determinados pela associação, e a disciplina do coro, requerida durante o desenvolvimento dos trabalhos realizados pelo Maestro.

4) Quais os estilos de música que você gosta?

- Não tenho preferência de ritmos ou segmentos musicais como clássico ou popular; gosto sim de uma linha melódica bem trabalhada ou explorada.

5) Existe uma preparação específica para se cantar no coral (aulas de canto, preparação vocal, etc), apesar de não ser obrigatória para o ingresso de novos cantores. Por tratar-se de um coral amador, você acha isso necessário? Justifique.

- Na minha opinião, no caso do ingresso de um novo integrante ao grupo de cantores, não haveria a necessidade deste, de ser conhecedor das técnicas de canto, porém se ele não tiver noções de assimilação das notas,(afinação) ou o tempo de execução destas, dificilmente conseguirá acompanhar junto ao grupo,os trabalhos realizados. Contudo, não se poderia dispensar, se possível é claro, um acompanhamento

nem que seja periódico, de um profissional, que trabalhe técnicas de canto com esse grupo, mesmo que sejam considerado cantores amadores.

6) Do repertório que o coral já cantou, qual foi o que mais lhe agradou em cantar? Por que?

- Difícil essa pergunta, porque são muitas as que tenho o prazer de cantar, mas se fosse mesmo obrigatório a escolha (risos), ficaria com a obra “Misa criolla” de Ariel Ramirez, pela beleza melódica e rítmica.

7) Quando você está atuando como cantor(a) no coral, qual é o sentimento que melhor representa o seu estado de espírito?

- Defendo a frase de autoria desconhecida por mim: “ A felicidade não existe mas sim momentos felizes”; e é exatamente esse o sentimento que me toma, quando estou desenvolvendo os trabalhos junto ao grupo...são esses os momentos em que fico bem comigo mesmo e com o resto do mundo...(risos) .. isso é felicidade? Então eu a tenho.

8) Na sua opinião, como a comunidade vê o trabalho que você desempenha no coral (o próprio trabalho do coral)?

- Na minha opinião, (e isso me incomoda), ainda são poucos os que tem ou já teve a oportunidade de ouvir os trabalhos que esse grupo realiza. É claro que isso envolve muitas outras coisas, por exemplo os “gostos”musicais de cada individuo integrante do povo, particularmente neste caso do povo Ituano, ou até mesmo a falta de uma maior divulgação. A linha musical desenvolvida pelo Vozes, não é voltado para as culturas de massa ;e, indago eu, o canto coral propriamente dito deveria ser? Confesso que ignoro essa questão. O que percebo sim é que as pessoas que valorizam esse tipo de trabalho e que geralmente são as que freqüentam as apresentações, saem maravilhadas e satisfeitas.

9) Antes de fazer parte do coral, você realizava alguma atividade artística? Se sim, como foi essa experiência?

- Sempre que pude, e nas minhas horas de folga, procurei estar ligado à coisas relacionadas à musica.Tentei levar a sério os estudos teóricos, mas não deu resultado;

“me dá sonolência” (risos). Fui integrante de uma banda musical, (e diga-se de passagem o entrevistador conhece bem) por 3 anos, onde adquiri alguma experiência de palco, e repertório para eventos e bailes.

10) No que se refere às artes, como você se vê antes de fazer parte do coral em comparação com os dias de hoje?

- O coral para mim foi mesmo uma experiência totalmente nova, onde pude conhecer outras formas de se fazer música. A arte de se compor música para canto coral, requer alguns anos de estudos teóricos; isso não se faz da noite para o dia, por isso creio seja esse o motivo da ótima qualidade do resultado. Vejo hoje a música sendo utilizada mais para fins comerciais, e sendo “fabricadas em 5 minutos”; que me perdoem os compositores dos “Créus” da vida; mas isso é música?.

11) Existe algum “valor”, que de alguma forma você obtenha cantando no coral, que não seria possível em outro tipo de atividade artística, ou mesmo de outra característica que não artística?

-Acredito que se trabalhar em grupo exija uma maior doação do indivíduo perante aos demais, para que se chegue a um objetivo comum; e essa doação eu poderia traduzir em respeito, ou porque mesmo não dizer, amor. Claro que essa união possa ser encontrada em outras atividades artísticas, ou não artísticas, mas no momento é a que eu faço parte, e conheço os resultados.